



Presidência da República
Casa Civil
Secretaria de Administração
Diretoria de Gestão de Pessoas
Coordenação – Geral de Documentação e Informação
Coordenação de Biblioteca



BIBLIOTECA DA

PRESIDÊNCIA

DA REPÚBLICA

30 DE JUNHO
AUDITÓRIO-COLÉGIO D. PEDRO II
RIO DE JANEIRO-RJ
DISCURSO AO VISITAR O COLÉGIO
DOM PEDRO II

Senhor Governador do Estado do Rio de Janeiro,
Chagas Freitas,
Senhor Ministro da Educação e Cultura, Rubem Ludwig,
Senhores Ministros de Estado,
Senhores Parlamentares,
Autoridades Cíveis e Militares presentes,
Senhor Diretor do Colégio Dom Pedro II,
Meus Amigos Professores e Alunos do Colégio
D. Pedro II,
Minhas Senhoras, meus Senhores:

Monumento singularmente expressivo da história educacional deste País, o Colégio Pedro II avulta, no cenário da cultura brasileira, como um dos obreiros mais lúcidos, mais brilhantes, mais pertinazes da nossa formação cultural. Na sua longa, fecunda e vigorosa existência, este tradicional educandário tem visto passar gerações e gerações de professores e alunos, unidos entre si, à maneira clássica, em indestrutível comunidade. Há

mais de um século, assiste à procissão interminável de idéias, teorias e escolas doutrinárias, com suas querelas, seus devaneios, suas rabugens, suas intransigências. A missão de que está investido exige, todavia, que, além de contemplar a marcha dos conflitos travados na ordem intelectual, tome posição perante os problemas, teóricos ou práticos, com que os tempos desafiam os operários do pensamento

Esses problemas não são menores hoje do que ontem. Em primeiro lugar, porque chegamos à plenitude da idade científica e tecnológica, que reclama prestações de conhecimento nunca dantes imaginados. Depois, porque a capacidade científica supera a medida do homem, que está, segundo opinião comum, abaixo de suas obras; que se acha, dizem mesmo, a ponto de ser esmagado por elas. Existe hoje — anunciam, sob diversas formas, as inteligências mais lúcidas do século —, perigosa desproporção entre o que o homem, pelo poder científico ou técnico, poder fazer e as forças morais que lhe determinam o comportamento.

Não será, por certo, o equilíbrio do terror que, de modo definitivo, dará ao espírito humano tranquilidade quanto ao seu destino, quanto ao destino da própria espécie. A paz, que desejamos todos, somente pode assentar no interior do homem, na sua renovação espiritual. Daí a apregoada necessidade de um novo modo de pensar, a necessidade do apelo à consciência individual, em que se encontra a fonte ou a mola do progresso ético. Daí, também, a necessidade de um ato de confiança na razão e na essencial bondade do ser humano. Daí, enfim, a exigência de um ato de fé na educação, como forma de bem dirigir as operações racionais e de tornar o homem, com o despertar das forças espirituais, mais humano em suas relações com o outro.

Confiar na razão humana, confiar no auto-aperfeiçoamento do homem, é confiar na democracia. Porque a democracia supõe — como se tem ensinado — um pensar em conjunto, um processo educativo, conduzido não só pela escola, mas ainda pela atividade política. Se a razão, por via do pensamento em conjunto, fosse impotente para estabelecer o norte da ação coletiva, se os indivíduos não encontrassem, em si mesmos, a pureza de propósitos necessária para promover o interesse comum — se nada disso acontecesse, seria o caso de renegar-se a maneira democrática de viver.

Apoiada, como está, na aptidão do pensar em conjunto para resolver os problemas sociais e políticos, bem como na capacidade individual de auto-educação, a idéia democrática requer, entretanto, a consciência de que a democracia não são os outros. A democracia, como frisa um dos maiores pensadores do nosso tempo, é cada um de nós, cada um de nós consciente de sua responsabilidade pela maneira como vive, como pensa, como trabalha, como se porta na vida em comum; consciente de que cumpre repelir os demagogos e desmascarar as tolices em que a inteligência por vezes escorrega. Donde a procedência da sentença de que sentir-se livre de responsabilidade pela gestão dos negócios públicos importa contribuir para a perversão da vida democrática.

A razão e a educação se encontram interligadas no jogo democrático. O aprendizado da democracia começa na escola e prossegue, lá fora, na luta ou no diálogo político. A escola, enquanto ensina a bem pensar e a bem proceder, é uma iniciação política. A política, a seu turno, a boa política, enquanto procede racional e impessoalmente, enquanto eleva e educa o cidadão, é um prolongamento da escola.

Este augusto Colégio, cuja tradição é motivo de orgulho para o Brasil, constitui admirável exemplo do que pode fazer, em benefício da sociedade, de sua organização social e política, um instituto de ensino. De todos os seus deveres, este educandário, que acompanha a história e suas vicissitudes, com o olhar sempre postado na descoberta do presente, se tem desincumbido luminosa e eficientemente.

Agora, porém, que o Século XX, em vertiginosa disparada, rompe a barreira do tempo — pois há quem diga que já nos achamos no Segundo, e até no Terceiro Século XX —, agora o papel do Pedro II, como dos demais estabelecimentos de ensino da sua estatura, reveste transcendência ainda maior na modelagem do homem brasileiro. Agora, já não basta aprender: é preciso aprender a aprender; é necessário aprender a compreender. Agora já não basta pensar: é preciso encontrar novo modo de pensar que nos leve, como na palavra do grande Corção, à mais difícil das descobertas, que é a descoberta do outro. Já que não há, para isso, outro caminho que o da educação, impõe-se que o País realize investimentos de vulto cada vez maior nessa nobre atividade, para que, à imagem do que se faz no Colégio Pedro II, a cruzada educativa, em todos os níveis, ponha ao alcance dos brasileiros os instrumentos de que necessitam para serem aquilo que devem ser ou aquilo que pela sua natureza têm o direito de ser.